

**CIDADE FANTASMA**

Bárbara Farias

Esta é uma história de ficção, do gênero fantasia.

Santos, 23 de outubro de 2021.

Liana Sairaf já estava atrasada para ir trabalhar, como de costume. Não que tenha acordado tarde. Acordou bem cedo, às 6 horas. Entrava às 8 horas no serviço, mas deu aquela enrolada tradicional. Ao acordar, Liana precisava de pelo menos uma meia hora e uma generosa xícara de café com leite para “acordar pra vida”. Ao despertar, desligou o alarme do celular e ficou sentada na cama assistindo ao jornal matinal na TV.

Prometia a si mesma mais disciplina, de que acordaria cedo pela manhã para se arrumar e tomar o seu café com calma, antes de sair para a labuta. Mas, ficava só na promessa mesmo.

Liana se arrumou, tomou o seu café, entrou no seu carro e seguiu rumo ao centro da cidade, onde trabalhava. Já no meio do caminho estranhou que não havia ninguém nas ruas, nem trânsito. Nenhum carro, nenhuma pessoa andando nas calçadas. Não havia uma viva alma na avenida mais movimentada da cidade. Nada. Tudo deserto. Olhou no celular para ver que dia da semana era.

- É segunda-feira! Não é domingo! Cadê todo mundo?! – Questionava Liana.

Nem mesmo era feriado, mas não havia movimento algum nas ruas da cidade. Mesmo assim, ela foi até o centro. Estacionou o carro na porta do serviço e as portas estavam fechadas. Decidiu, então, caminhar pelas ruas do centro para tentar descobrir o que estava acontecendo.

- Nossa, aqui também está tudo fechado. E não tem ninguém na rua! Por quê?

Liana seguiu caminhando e, no meio do caminho, encontrou o seu Januário. O seu Januário conta 80 anos de idade. As rugas no rosto curtido pelo sol e as manchas escuras nas mãos entregam uma vida sofrida e de muito trabalho sob a luz natural inclemente, além de lembranças que ele prefere esquecer.

Januário passara muita dificuldade e perdas irreparáveis na vida. Cresceu na roça. A mãe morreu no parto e o pai o abandonou à própria sorte. Entregou-lhe a uma criada da fazenda onde trabalhava. Órfão, Januário começou a trabalhar ainda menino, colhendo milho. Fora adotado como filho por Donana, mas sentia que era tratado com diferença em relação aos irmãos adotivos. Quando mocinho, aos 15 anos, fez sua trouxa de roupas e seguiu viagem para a cidade.

Além de uns poucos caraminguás que escondia na cueca, era só coragem. Januário se aventurava em carrocerias de caminhões velhos, chamados de pau-de-arara, no nordeste brasileiro, para chegar à cidade grande, onde pretendia arrumar emprego e

recomeçar sua vida. Foi de pau-de-arara em pau-de-arara que, após comer muito pó de estrada, conheceu Raimundo, o dono do Car Estacionamento.

Raimundo era mais esperto que Januário, safo, aprendeu a se virar na escola da vida. Tinha a mesma idade de Januário, mas, para ele, a infância foi ainda mais dura. Filho de prostituta, cresceu num prostíbulo. Nunca soube quem era o seu pai. A mãe afogava as frustrações em garrafas de pinga. Raramente estava sóbria. Em vez de carinho e afeto, Raimundo recebia maus-tratos de sua mãe. A sua referência do que seria uma mãe se traduzia em gritos, xingamentos, tapas e socos na cabeça. Quase sempre, ela o chamava de “atraso de vida”.

Raimundo fugiu do quartinho onde morava com a mãe quando a ouviu negociando a sua venda a um cliente, um velho pedófilo que gostava de meninos. Ela venderia o próprio filho, pois, para ela, ele não servia de nada.

Raimundo não tinha estudos, mas era bom de negócio. Vendia tudo o que podia, sabia negociar, convencer. Ele vendia qualquer coisa. Até água no deserto. A vida ensinou Raimundo a conhecer as pessoas. Uma habilidade que lhe traria prosperidade durante toda a vida.

Gostou de Januário de cara. O santo bateu de pronto, pois viu nele a ingenuidade que a vida lhe tirou. Raimundo sabia que podia confiar em Januário. Os dois se tornaram grandes amigos e vieram juntos para Santos atrás de trabalho na construção civil.

Em Santos, cada qual constituiu a sua própria família. Quando finalmente prosperou, Raimundo abriu o próprio negócio, a empresa Car Estacionamento, no centro da cidade, e convidou Januário para trabalhar como vigia. O velho amigo não tinha tino para negócio, foi empregado a vida inteira. Aposentou-se por invalidez como auxiliar de serviços gerais e o seu ordenado mal pagava as suas contas.

Januário gosta de contar suas histórias para os outros. Viveu uma vida simples, mas encara tudo como uma grande aventura. Como todo mundo que atravessou uma vida inteira e alcançou a velhice, Januário gosta de falar de si. Talvez, seja uma forma de vencer a morte. Passar adiante suas memórias é uma forma de se tornar eterno. É o que ele pensa.

Januário conserva hábitos antigos. Todas as manhãs, senta-se na sua cadeira de madeira, à porta do Car Estacionamento, onde trabalha, observando a rua, fumando o seu cachimbo. O idoso é um personagem típico da primeira metade do século 20.

Veste calças com suspensório, usa boina de pano, do tipo “vintage” e mantém seus sapatos engraxados. Januário é pobre, mas jamais se apresenta desleixado. Está sempre elegante. Costume da época da juventude, que adquiriu por suas andanças pela vida.

- Oi, seu Januário! Tudo bem? Que bom encontrar um conhecido por aqui. O que está acontecendo? Por que não tem ninguém na rua?

Januário nem deu confiança para Liana. Sequer olhou em seus olhos. Deixou-a falando sozinha. Liana, então, seguiu adiante.

- Afe, o seu Januário me deixou no “vácuo”, nem olhou na minha cara. – Disse Liana surpresa.

Mais à frente, encontrou um velho amigo.

- Ai, graças a Deus, um conhecido! Edgar!!! – Liana o chamou, bastante animada. Em vão. Edgar sequer lhe deu atenção. Continuou andando, não notou a presença de sua amiga. Liana ficou perplexa. Resolveu mandar mensagem para Edgar via aplicativo.

- *Edgar, seu grosso! Por que você me ignorou?! – Escreveu Liana, chateada.*

- *Oi?! Eu ignorei você! Quando?*

- *Agora, Edgar! Acabei de passar por você na rua.*

- *Eu não te vi.*

- *Como assim?*

- *Não vi, ué?*

- *O que está acontecendo?*

- *Como assim?*

- *Primeiro encontrei o seu Januário, um senhorzinho que eu cumprimento todo dia de manhã e ele também não me viu. Eu falei com ele e ele me ignorou completamente!*

- *Li, você está bem?*

- *O quê? Lógico que eu estou bem!*

- *As pessoas não se falam mais pessoalmente. Alôooo!*

- *O quê? Como assim? Desde quando?*

- *Li, você não está bem.*
- *Não estou entendendo nada. Por que ninguém fala comigo? Por que não tem ninguém na rua?*
- *Li, lembra da pandemia?*
- *Hum.*
- *Então. Desde aquela época, as pessoas ficaram em casa, confinadas. Lembra?*
- *Sim. Por que você está falando sobre a pandemia no passado?*
- *Hoje em dia as pessoas só se falam por aplicativos de mensagem. Ninguém se fala pessoalmente nas ruas.*
- *Que ano a gente está?*
- *Li, você tomou um chá, chupou uma “balinha” colorida, fumou algo?*
- *Responde, Edgar! – Ordena Liana.*
- *2025! Bem-vinda à Terra!*
- *Cara, eu não estou entendendo. A impressão que eu tenho é que fui dormir numa noite de 2021 e acordei numa manhã de 2025. Eu não lembro de nada disso que você está me falando!*
- *Pois é. As coisas mudaram muito nos últimos quatro anos. Acho que você está cansada. Eu já venho te falando há séculos que você precisa desacelerar, sua teimosa! Olha aí, agora, deu um branco e se esqueceu de tudo. Marca já um médico por videochamada.*
- *Videochamada? Se a pandemia acabou, por que a vida não voltou ao normal?*
- *Li, as pessoas se acostumaram a viver confinadas. É muito mais cômodo. Outra vida. Eu mesmo não troco pela vida de antes.*

A pandemia viral alterou profundamente a vida das pessoas, ditou novos costumes e hábitos, uma nova maneira de se relacionar. E trouxe um efeito colateral importante: o individualismo. Perdeu-se a intimidade, a vontade de se reunir pessoalmente, a compaixão pelo próximo. Confinadas e se comunicando apenas virtualmente, as pessoas construíram bolhas intransponíveis. Só veem o que querem ver ou consumir. Cada pessoa vive na sua própria ilha, sem contrariedades ou perdas, se relacionando somente com quem têm afinidades. Trabalham online. Não existem

mais escritórios, consultórios, lojas, universidades. Apenas hospitais. O isolamento tornou todos egocêntricos. Poucos ainda se importam com as outras pessoas.

- *Li, as pessoas só perderam o costume de conviver. Agora, só se falam por mensagem ou celular.*

- *Gente, então, se as pessoas não se falam mais pessoalmente, também não se tocam e se não se tocam é o fim da humanidade, né?*

- *Não é bem assim. Namorar pode (risos). Dentro de casa, pode tudo.*

- *Mas se elas são egocêntricas, como se relacionam dentro de casa pra namorar, por exemplo?*

- *Graças a deus, ainda tem gente que gosta de namorar. Namora escondido. Ninguém precisa saber.*

- *Oi?! Agora, namorar é obsceno?*

- *Se alguém for pego namorando na rua é preso por atentado ao pudor.*

- *Meu Deus, Edgar! Que mundo é esse?*

- *Li, desde a pandemia, quando começou a onda do home office, as pessoas foram aderindo aos poucos. Hoje, tudo é online. As pessoas trabalham online, compram e vendem coisas online. E tá tudo bem. Não é ruim.*

- *Por isso está tudo fechado aqui na cidade?*

- *Cidade? Li, você está parada na rua, falando comigo, no centro da cidade?*

- *Sim.*

- *Vá pra casa agora! É perigoso ficar nas ruas desertas. Você vai ser assaltada ou coisa pior!*

- *Verdade, Ed. Bom, vou nessa. Valeu pelo papo e pela “luz”, me ajudou bastante.*

Liana ficou receosa, mas a sua curiosidade era maior do que o temor de ser atacada nas ruas. Então, seguiu caminhando pelo centro vazio. Queria explorar. Entender o “novo normal”. Os imóveis estavam todos fechados e deteriorados pela ação do tempo. Os prédios centenários viraram ruína. As calçadas estavam quebradas e escuras. Nem de longe, o centro lembrava os tempos áureos de outrora, com movimento intenso de trabalhadores e comércio pujante. Lembrou-se com afeto de sua infância,

quando ia com a avó Lourdes ao centro em dia de pagamento da pensão previdenciária.

- Puxa, minha avó vinha receber o “ordenado” na Cidade, como ela chamava a pensão, e me trazia junto. Eu adorava. Saindo do banco, a gente comia um pastel na famosa pastelaria do centro e depois tomávamos sorvete, sentadas no banco em frente à praça do suntuoso palácio da prefeitura. – lembrou-se Liana, saudosa de seu passado, enquanto olhava desolada aquele cenário de abandono.

Convencionou-se chamar o centro de Cidade, pois foi nessa região que o município começou a se expandir, onde iniciaram o comércio, as moradias e o porto. A tradição se perpetuou, passando de geração em geração.

Liana virou-se para a praça do palácio da prefeitura e sentiu tristeza. Um vazio por dentro. A praça havia desaparecido sob o mato alto. E o palácio estava em ruínas. Era como se a memória de toda uma cidade estivesse extinta. Ali jazia o maior símbolo do município.

- O Centro Histórico está pior que a região do Mercado Municipal, pelo que eu me lembro. Nem quero imaginar o que existe no Mercado hoje. Abandono total. Nem os desvalidos “zumbis”, entorpecidos pelo crack, perambulam por aqui. Não há mais nada. É pior do que um Umbral. É o nada.

Uma carcaça enferrujada, vencida pelo mato que cresceu por dentro, do outro lado da praça, foi o que restou de um dos bondes turísticos. Liana não se conformava com aquele cenário desolador.

- Será que a cidade toda está assim? – Perguntava-se.

Liana não acreditava no que via. Já havia visto o bastante. Tomada pelo desalento, voltou para casa com muitas dúvidas. Em casa, ligou a TV. Quanto mais tomava ciência da realidade atual, mais perplexa ficava.

*Jovens são presos em flagrante por burlarem o toque de recolher na noite de ontem*

*Maior companhia de relacionamentos é condenada a indenizar empresas lesadas por bug global em R\$ 1 bilhão*

*Mulher denuncia homem por assédio. Ele alega que apenas a cumprimentou na rua*

As notícias veiculadas na TV não eram nada animadoras.

- Toque de recolher? Assédio por que disse “oi”? Meu Deus, para o mundo que eu quero descer.

Liana recebe uma mensagem no celular.

- *Liana, não se esqueça do seu compromisso às 20 horas. Encontro online com as amigas. Comemoração de aniversário.*

- *Quem é você?*

- *Olá, eu sou a Alice. Sua amiga virtual.*

- *Alice? Eu não te conheço.*

- *Liana, eu sou um aplicativo de inteligência artificial. Você me adicionou para eu te lembrar dos seus compromissos diários e desabafar de vez em quando. Se quiser descontinuar o serviço, basta desinstalar o app.*

- *Obrigada, Alice!*

- *Por nada.*

- Eu agradeço a um aplicativo como se fosse uma pessoa de verdade? Meu Deus, isso só pode ser um pesadelo! É loucura! - Disse a si mesma.

O mundo havia se transformado num lugar estranho sob os olhos de Liana.

- O que eu faço agora? Onde eu trabalho? Eu trabalho?!

Liana recebeu uma mensagem no aplicativo de conversas.

- *Li, você está aí?*

- *Oi. Sim. Quem é você?*

- *Como quem sou eu? A Bia, criatura! Tá tudo bem?*

- *Não.*

- *Oi?!*

- *Quero dizer, sei lá. Bia, eu acordei meio confusa hoje, deve ser uma estafa...sei lá... você sabe onde eu trabalho? Ou se eu trabalho?*

- *Claro, né, Li! Você trabalha no jornal da cidade, e eu também. E você já está tremendamente atrasada! É por isso que eu estou te chamando.*

- *Atrasada?! Eu estive no trabalho e está tudo fechado!*

- *Alôoooo, como assim, você “esteve” lá?*
- *Eu peguei meu carro e fui trabalhar. Lá na Cidade!*
- *Você pirou ou tomou ácido?*
- *Cara, eu não estou entendendo nada.*
- *Li, você trabalha online. Não existe redação física há anos. Lembra? O chefe tá louco atrás de ti. Você não entrou na reunião de pauta online, nem deu satisfação. Tá doente?*
- *Essa é a pergunta do dia. Queria que tudo fosse um pesadelo e que acabasse amanhã.*
- *Hã?!*
- *Nada. Como eu falo com o chefe? O que eu tenho que fazer? Eu não me lembro de nada.*
- *Tá. Li, faz o seguinte: tire o dia de folga. Descanse. Eu te cubro hoje. Eu vou falar com o chefe que você está doente, indisposta.*
- *Tá. E eu faço o que, agora?*
- *Descanse, mulher! Tchau! Fique bem. Melhoras!*

Beatriz não desconfiou que Liana estava mais do que confusa. Afinal, estava na correria, e não tinha tempo para perceber que algo muito estranho e extraordinário estava acontecendo com a colega. Pensou somente que a amiga estava com uma estafa ou Burnout.

O Burnout ou síndrome do esgotamento físico e mental espalhou-se como uma epidemia naqueles tempos. Acometia milhares de pessoas. Era a doença da nova era. A vida online era ainda mais desgastante do que a vida no mundo real. Pois, as pessoas viviam para trabalhar, horas a fio. Nos tempos atuais, ganhava-se por produção e não mais um salário mensal. A aposentadoria fora abolida, os sindicatos desapareceram. O mercado de trabalho havia se tornado uma selva, onde era cada um por si. A competitividade desenfreada fortaleceu os desleais. Ninguém confiava em mais ninguém. Em terra de chagal, vence o mais esperto, o sorrateiro, o mau-caráter. E não havia punição. Ao contrário, o mais produtivo era promovido e ganhava prêmios em dinheiro. Todo o sistema era condicionado à produção. Quanto mais produção, maior o giro de capital e, conseqüentemente, o lucro. O efeito colateral mais comum à saúde era o Burnout.

Porém, não havia garantias. Quando alguém era diagnosticado com Burnout era sumariamente desligado do emprego e substituído em seguida. O desempregado recebia apenas o que lhe era devido por sua última produção.

Liana não percebeu o prazer de Beatriz ao pensar que ela fora acometida de Burnout. Há tempos, Bia almejava a posição de Liana no jornal. Queria o status, o cargo e ganhar o mesmo que ela ganhava.

Todos temiam ser diagnosticados com Burnout, pois seriam marginalizados pela sociedade. Havia quem achasse que Burnout era contagiosa e, por isso, se afastava de quem sofria da doença incapacitante. As pessoas acometidas pela doença eram discriminadas e apontadas por todos. Uma pessoa com Burnout perdia vagas de emprego e até amigos. O preconceito era imensurável.

Após falar com Beatriz, sem se dar conta do risco de perder o seu emprego, Liana prosseguiu com a sua investigação dos fatos novos em sua vida. Conferiu a sua lista de contatos no aplicativo do celular e não conhecia ninguém. Não se lembrava de ninguém. Nem mesmo da Bia, com quem acabara de conversar. Queria sair de casa. Explorar mais o “novo normal”. Liana saiu. A pé. Na rua, foi abordada por uma senhora.

- Liana... tudo bem?

- Oi. Quem é a senhora?

- Eu vim te ajudar.

- Eu a conheço?

- Dos seus sonhos, querida.

- Liana ficou assombrada. A imagem daquela senhora abriu-se em sua mente. Mas, não se lembrava de seu nome.

- Lembro-me de tê-la visto em meus sonhos, sim, mas não sei qual é o seu nome.

- Inaê.

Inaê era sacerdotisa. Ela tinha 75 anos, usava um vestido azul de tecido de algodão, simples e tão leve que denunciava seus ossos do tórax e as costelas, tamanha era a sua magreza. Parecia ter poucos recursos financeiros, mas Inaê era elegante. Usava ainda um lenço azul estampado na cabeça, habilmente amarrado como um belo

adorno, em respeito aos seus ancestrais de origens africanas e aos orixás dos quais era devota. Tinha um semblante calmo e falava pausadamente.

- Por que a senhora me vê e os outros não, dona Inaê?

- Dona, não. Inaê. Me chame apenas de Inaê. Minha filha, tudo no seu tempo.

- Como assim?

- Filha, as pessoas veem o que querem ver. Nem todo mundo pode ver tudo.

- Dona Inaê... desculpe... Inaê, me diz que tudo isso é um pesadelo e eu vou acordar.

- Liana, observe atentamente tudo o que você está vivenciando. Reflita sobre o presente, sobre como as pessoas se relacionam hoje, sobre o mundo como ele está. Você vai entender tudo. – Disse Inaê, enquanto segurava as mãos de Liana.

- E a pandemia? Acabou?

- Uma boa pergunta, minha filha. O pior contágio é o da distância entre os corações.

- Mas, que corações?

Inaê desapareceu no ar como água em vapor. Liana olhava ao redor e não via nenhum sinal da misteriosa senhora. Seguiu andando e foi abordada por uma cigana.

- Filha, você está num impasse. Deixe-me ler a sua sorte?

- Não, cigana! Obrigada!

- Espere. Preciso lhe falar.

- Eu não tenho dinheiro.

- Qualquer coisa já agrada a cigana. Não se lembra de mim, não?

- Não. Quem é você?

- Esmeralda. Não se lembra da cigana, não, Liana? – Insistiu, Esmeralda.

- De onde eu te conheço, Esmeralda?

- Ué, daquele centro lá. Você veio conversar comigo, me pediu um empurrãozinho para afastar uma sirigaita invejosa.

- Hum... agora estou me lembrando. Mas eu não vi você exatamente, e sim a senhora que lhe cedeu o corpo, e era uma idosa. Você é jovem e muito bonita.

- Exatamente. Aída é uma velha amiga. Ela me deixa incorporar para realizar os trabalhos. Isso é um dom, sabia? A missão de Aída é me ajudar a evoluir Através dos trabalhos que realizo, evoluo. Logo, mudarei de missão.

- No Astral?

- É, Liana. No Astral.

- Se você é um espírito, por que eu te vejo, Esmeralda?

- Isso eu não posso dizer, não. Não estou autorizada. Só posso falar que vejo sombra em seus olhos e muitas dúvidas.

- Por que ninguém me vê?

- Filha, as pessoas veem o que querem ver.

Liana ficou intrigada. Acabara de ouvir Inaê falando a mesma frase.

- Esmeralda, você pode me ajudar?

- Talvez.

- Por que isso tudo está acontecendo comigo? Por que eu vejo coisas que outros não veem?

- Não posso falar nada, não.

- *Você tem consciência da mudança. A maioria não. A ignorância pode ser uma bênção ou uma maldição.* – Intuiu Liana, sem saber que a mensagem foi transmitida por Inaê, em pensamento.

- Olhe ali, à sua esquerda. – disse, Esmeralda.

Liana olhou e quando se voltou para a cigana, ela havia desaparecido. Olhou novamente à esquerda e uma alegria imensa tomou conta do seu ser.

- Oi.

Liana mal podia crer no que estava vendo. O seu marido, falecido há seis anos estava diante de si. Correu para os seus braços, sem mais pensar em nada. Só queria ficar ali. Abraçá-lo, beijá-lo, afagá-lo, sentir o seu cheiro e o seu calor novamente.

- César, é você? É mesmo?

- Claro! Quem mais poderia ser, Liana?

- Mas, você...

- Eu o quê?

- Você... foi embora. – Hesitou. Preferiu o eufemismo em vez de mencionar que César morreu.

- Eu só mudei de “casa”. Mas, sempre estive aqui. Você é que não me via.

- César, você morreu. – Cansada de enigmas, resolveu usar o termo certo.

- Morrer... o que é “morrer”? César sorriu. - Vem, vamos dar uma volta.

- Ah, eu estou cansada de enigmas e filosofia. Eu fui no seu enterro, ok?!

- Eu tô aqui, não tô?

- Então, eu também morri?

César olhou fundo nos olhos de Liana. Nada disse. Esperava que ela compreendesse. Não estava autorizado a lhe contar a verdade.

- Li, toda verdade tem a sua hora de se revelar. Eu já vi e descobri tanta coisa desde aquele dia em que parti. Recebi todas as suas mensagens, as suas orações, seus pensamentos e sentimentos. Vi suas lágrimas tantas e tantas vezes. Eu recebi tudo que veio de você. Mas, eu não podia falar contigo. Estávamos em dimensões e, mais do que isso, em frequências diferentes. Como as frequências de rádio, entende? Agora conseguimos sintonizar a mesma frequência e estamos na mesma estação.

- Eu morri, César? – Insistiu Liana.

- Li, eu realmente não sei. Só sei que agora estamos juntos aqui.

César e Liana caminharam abraçados pela rua e foram para casa de Liana. Adormeceram abraçados.

Liana acordou e rapidamente olhou para o outro lado da cama. Sentiu-se aliviada. César ainda estava ali. Dormindo como um bebê. Aproveitou para lhe fazer um cafuné. Há anos não sentia a maciez de seus cabelos passarem por entre os seus dedos.

- Ah, se isso é um sonho eu não quero nunca mais acordar. Ao lado de César, nada mais importa. Ele parece tão corado, agora. Revigorado, recuperado, curado, bem melhor do que estava na última vez em que o vi. – Pensou Liana enquanto admirava o seu amado.

César acordou.

- Bom dia, meu amor! – Disse Liana.

- Bom dia! Sabe que senti falta de você velando o meu sono e me fazendo cafuné? – Contou César.

- É bom saber disso. E surpreendente também.

- Surpreendente? Por quê?

- Porque você nunca disse o que realmente sentia.

- Você sempre soube.

- Não. Eu sempre tive dúvidas.

- Eu tô aqui, não tô?

Liana compreendeu, então, que quando César dizia isso era o mesmo que dizer “eu te amo”. Cabia à Liana compreender o jeito de se expressar de César, de expressar os sentimentos, e, principalmente, o seu jeito de amar.

- César, por que tudo isso está acontecendo?

- Li, o que isso importa? Estamos bem, agora.

- É bom estarmos juntos, não caibo em mim de tanta felicidade, um sentimento que eu não sentia desde a sua partida, mas tem alguma coisa estranha acontecendo e eu quero saber.

- Tudo no seu tempo. Vem cá, deita aqui comigo. Não estava com saudade de mim, hein? - Pergunta César enquanto puxa Liana para dentro dos seus braços. Liana não recusou. Aconchegou-se nos braços de seu amado. Sentia-se estranhamente segura junto ao seu homem, mas continuou intrigada com tudo o que estava vivenciando. Pensava nas palavras de Inaê e de Esmeralda.

Liana adormeceu. E acordou para viver um novo dia repleto de mistérios e surpresas. Já não mais encontrou César ao seu lado, na cama.

- César?! Cadê você?!

Liana levantou-se e foi até o banheiro. Não o encontrou. Percorreu todos os cômodos de seu apartamento à procura de seu amado. Ele havia desaparecido. Liana sentou-

se no sofá da sala, desolada. Era como perdê-lo para sempre pela segunda vez, era como viver um novo luto. Liana debulhou-se em lágrimas. Mas, logo se conformou.

- *Não posso ficar aqui chorando. Afinal, não se perde o que não se tem. Vida que segue... ou melhor... sonho que segue... ou seria pesadelo? Esse agora foi um lindo sonho do qual eu não queria mesmo acordar.* – Pensou Liana.

Liana saiu. Foi até o cemitério dos gatos, onde o corpo de César estava sepultado. Já não se importava com o silêncio nas ruas. Não temia ser assaltada, nem atacada. Entrou no cemitério e sentou-se no degrau de um túmulo que ficava em frente à sepultura de César. Ficou ali, em silêncio, não queria rezar, nem pensar em nada. Queria apenas ficar ali, sentir o vento no rosto, ouvir os pássaros cantarem, ficar perto de César.

- Oi.

- Olá. – Cumprimentou Liana

- Ele não está aí.

- Como é que você sabe?

- Liana, você não esteve com ele?

- Como sabe o meu nome?

- Não me reconhece, menina?

- Não.

- Sou eu, Inácio.

- Meu Deus, Inácio! Você está tão jovem! Bonitão!

- Li, agora eu posso ter a aparência que eu quiser. – Sorri Inácio.

- Inácio, me dê cá um abraço. Que saudade! Continua pegando onda? – Pergunta Liana abrindo um largo sorriso tamanha era a sua alegria em rever o amigo já falecido.

Abraçaram-se e Liana sentiu algo diferente. Além de uma agradável sensação de paz e bem-estar, o toque da pele era sutil, não parecia real, não compreendia, não sentia a textura da pele como antes, a mesma densidade.

- Inácio, você não é de carne e osso, mas também não é espírito. Só que você já morreu e eu pude te abraçar! Me ajude a entender tudo isso?
- Você ainda não notou que estamos numa dimensão diferente?
- Eu morri?
- O que é morrer, Liana?
- Morrer é morrer.
- Deixar o corpo é morrer?
- É.
- Vamos sair daqui. Esse lugar é triste.
- Onde o César está?
- Em outro lugar. Ocupado.
- Eu vou vê-lo de novo?
- Claro que vai. Venha. Vamos sair daqui.
- Você não gosta de cemitérios, Inácio?
- Não.
- Mas, se aqui é um lugar ruim, por que os gatos gostam daqui?
- Os gatos são guardiões, transmutam as energias ruins, purificam. É por isso que estão aqui.
- Eles sabem disso?
- É claro que sim!
- Se eu for até eles, eles me veem?
- Li, não só veem você, como me veem e enxergam as nossas auras. Se estivermos doentes, eles não saem de perto até purificarem tudo. Toda doença é causada por um desequilíbrio energético. Quando as energias são reequilibradas, nosso corpo é restaurado e nós nos curamos das doenças.
- Puxa. E quanto às doenças que não têm cura? Você morreu de uma doença incurável. César também.

- Li, toda doença é causada por um desequilíbrio energético. A restauração, a cura, pode ser física ou espiritual. Agora eu preciso ir. Não venha mais aqui. Todos estamos bem. E bem longe daqui. Vá para casa. Acalme-se. Logo, você saberá de tudo. Toda verdade tem o seu tempo certo de se revelar. Vemos o que queremos ver. Você ainda não está pronta para ver.

- Ver o quê? Inácio, cadê você?

E Inácio desapareceu enquanto Liana observava atentamente os gatos.

Liana, saiu do cemitério, continuou andando pela rua e pegou o celular para mandar uma mensagem para Edgar.

- Cadê o contato do Edgar? Será que eu apaguei sem querer? – Perguntou a si mesma enquanto rolava a tela tentando achar a foto de Edgar. Procurou em vão. Não havia nenhum contato salvo com o nome de Edgar, nem a sua foto.

Liana seguiu pela rua intrigada e cheia de dúvidas. Foi até a praia. Sentou-se na areia. Sentia o vento a acariciar o seu o rosto. Pedia respostas ao universo. Via pessoas caminhando à beira-mar, outras correndo. Por um instante, parecia que tudo havia voltado ao normal diante de seus olhos. Resolveu ir andar à beira-mar. Sentiu-se aliviada por ver tudo como sempre foi. No entanto, ao se deparar com conhecidos, mais uma vez, não foi notada. Sentiu-se invisível.

- Nossa, eu sou invisível! – Tomou consciência de que ninguém encarnado podia lhe ver.

- Estou morta! Morta! – Gritou e começou a chorar.

- Liana. Acalme-se!

- Ah, você de novo! Saia daqui com os seus malditos enigmas. Eu pareço estar disposta a fazer esse joguinho sórdido?

- Eu entendo a sua revolta.

- Entende? Então suma daqui!

- Não posso.

- Por quê? Você é o meu anjo da guarda? – Ironiza Liana.

- Não, Liana. Volte para casa.

- Eu estou de saco cheio desse papo de “volte para casa”. Cadê todo mundo? Só os mortos me veem. A cidade é fantasma. Meu Deus, eu vivo na Cidade Fantasma! Ou será que não vivo? Que estou morta, morta na Cidade Fantasma! Sacou o trocadilho?  
- Ironizou Liana.

- Nisso, você tem razão: Cidade Fantasma. A pandemia trouxe consequências ruins. O individualismo foi a pior delas. As pessoas acharam cômodo ficarem sós, não serem contrariadas. Essa fase “cada um por si” é o “Apocalipse” da alma. Eles não veem, mas o que chamam de paz é o inferno na Terra. Há uma aura de falsa normalidade no ar. A “vida de Instagram”, como se diz, feliz e plena, mostrada nas redes sociais, contaminou a lógica e o bom senso. As pessoas compraram a ilusão de felicidade artificial. Encaram como real. Acreditam piamente em todas as mentiras postadas nas redes sociais. Já não contestam. Aceitam tudo. Sofrem quando recebem poucas curtidas ou comentários em seus posts. É uma alienação conveniente. É um modo de entorpecer-se, de negar a realidade dura e intolerável. A harmonia que se vê nas redes sociais dá uma falsa sensação de segurança e conforto. Preferem viver assim em vez de encarar a vida como ela é.

- A vida é sonho. As pessoas já não suportam mais a realidade. Quando foi que o ser humano se tornou fraco, incapaz de saber lidar com uma frustração?

- Quando encontrou na vida artificial o mundo idealizado que sempre sonhou. O ser humano vive em uma bolha, onde nunca é contrariado, alheio a tudo que não gosta, coisas e pessoas. É como se todos sofressem da Síndrome do Filho Único. Todos se acham o centro do universo. Essa bolha irresistível tornou-se um grande problema. Transformou as relações humanas nessa realidade bizarra, onde imperam a indiferença, a falta de compaixão e a competitividade extrema. É cada um por si. Uma selva virtual. Enquanto tudo acontece no mundo virtual, o mundo real morre aqui fora. Apenas a vegetação e os insetos resistem no mundo real, enquanto a natureza ainda os puder alimentar. Há pouco tempo, você também não notava esse mundo novo, estranho. Vivia como se tudo fosse normal, voltada para o seu trabalho, se comunicando com as pessoas apenas pela internet. Um dia, despertou.

- Despertar? Despertei como?

- Você saiu da bolha. Você percebeu que o “novo normal” não é normal coisa nenhuma. Sem perceber, no fundo do seu âmago, você sentiu falta de conviver com as pessoas no mundo real, de abraçá-las, rir e chorar com elas, sentir o calor dos seus corpos, ver o mundo como ele realmente é e não como é conveniente.

- E qual é a vantagem de ser desperta num mundo em que todo mundo “dorme”? Estou fadada a me sentir só.

- Você não despertou para ter vantagem, mas para aprender e ajudar os outros a se libertarem desse limbo onde adormecem sem saber.

- Eu?

- Sim, você.

- Não tenho vocação pra Cristo.

- Ninguém disse que tinha.

- Não entendo. O que eu posso fazer? E por que estou aqui falando com um espírito?

- Você também é um espírito.

- Então, eu morri mesmo. E ainda assim tenho que ajudar os vivos a despertarem sei lá do quê?

- Não, Liana. Aqui não é o mundo dos “mortos”, do que você entende por morte. Aqui é uma dimensão intermediária, onde podemos nos encontrar, os encarnados e os desencarnados. Você está na dimensão intermediária. E já estive várias vezes aqui, embora não se lembre.

-Eu estive aqui?

- Sim. Todas as vezes que você sonhou com as pessoas queridas que já desencarnaram, você estava aqui, com elas.

- Mas, o que essa dimensão tem a ver com a pandemia e as consequências? E o ano de 2025?

- Primeiro você precisa refletir sobre os encontros com as pessoas que já desencarnaram. Já compreendeu que a morte não existe, meu bem?

- A morte não existe. Então, todos os meus encontros com as pessoas que eu amo, que já partiram, são reais?

- Agora você sabe. Antes, apenas acreditava.

- Por que estou tendo todas essas revelações do mundo espiritual para entender o que se passa em 2025? Eu vejo mais lógica no mundo espiritual do que no mundo real.

- Você mesma respondeu. Liana, desde quando as pessoas começaram a se isolar, sem que estivessem sofrendo nenhuma ameaça de extermínio, foram perdendo a sua essência, a sua alma. Voltaram-se para si mesmas, quando a única forma de evoluir é se relacionando pessoalmente, cedendo, respeitando as diferenças, construindo, enfrentando as adversidades com coragem, sem prejudicar ninguém. Nunca dividindo, se afastando, se isolando. A humanidade está regredindo novamente. Voltando aos tempos de escuridão. E é preciso dar uma basta imediatamente, é preciso retomar o ciclo evolutivo para que o caos não seja irreversível.

- Por que eu? Por que comigo? Por que eu estou vendo tudo isso?

- Por que não você?

- Liana, temos observado a sua evolução, a sua busca espiritual, a sua compaixão pelo próximo. O seu despertar era só uma questão de tempo. Mais dia, menos dia, isso aconteceria. Você vem buscando isso há anos.

- E o que eu posso fazer para mudar essa realidade bizarra?

- Insista. Diga às pessoas que esse “novo normal” é um atraso, que nada que é artificial se sustenta. Que as pessoas precisam se reconectar no mundo real, e não no virtual. Volte, agora.

- E as pessoas estão preparadas para essa verdade?

- Não estão.

- E você quer eu leve a verdade a elas mesmo assim?

- Isso.

Liana sentiu-se tonta e as vistas escureceram. Acordou em uma manhã ensolarada. Revigorada. Com as forças totalmente restauradas. Estranhou. Tomou o seu banho, se arrumou, tomou a sua generosa xícara de café e partiu para o mundo. Saiu de carro e tudo parecia normal de novo.

- Ufa, nunca fiquei tão feliz em pegar trânsito. Liana olhava ao redor e se sentia bem novamente, tranquila. Crianças brincando nas calçadas, pessoas andando apressadas indo para o trabalho, idosos passeando, cães latindo. Liana pensava que tudo aquilo que vivenciou não era real, mas um pesadelo horrível.

Liana era uma mulher de 35 anos, jornalista. Ama a profissão e as pessoas. Tinha carro e casa própria, tudo adquirido com muito esforço, com muito trabalho e

jornadas extras. Leva uma vida exaustiva e dedicada ao trabalho. Vive alienada, indiferente ao que de verdade importa. Nunca tem tempo para nada. Há tempos não sai com os amigos, não visita seus parentes mais próximos, não compra uma roupa nova para si, não vai ao cabeleireiro.

Desde a morte de seu marido, Liana afundou-se no trabalho. Viu na ocupação uma fuga da realidade que não queria encarar. Viver sem o César ao seu lado era muito difícil. Uma perda que nunca superou. Um luto indissolúvel.

Encarou a pandemia viral como uma bênção e uma maldição. Não queria ver o mundo do lado de fora. Queria isolar-se, confinar-se sem ter que se explicar para ninguém. Não via mais graça em sair. Não queria encontrar ninguém. Queria se fechar em casa, com as lembranças dos momentos bons que compartilhou com César. Quando saía, não via a hora de voltar para casa, ansiava como ninguém o seu refúgio, o lugar onde poderia ser quem realmente era, onde poderia chorar sem ser censurada ou ter que responder perguntas indesejáveis. Vivía fugindo do julgamento de pessoas que não a entendiam.

César era a única pessoa no mundo que a entendia. Por isso, era tão difícil viver sem ele. Haviam alcançado a sintonia perfeita. Vibravam na mesma frequência, entendiam-se pelo olhar, encaixavam-se de corpo e alma.

Liana sentia falta de conversar com César, do seu olhar crítico, do seu apoio incondicional, da palavra certa na hora certa, da inteligência, do corpo, do cheiro, da cama, de ser amada e desejada a cada dia mais. Sentia falta da sintonia e afinidade que levaram anos para acontecer, após 20 anos de convivência. A relação dos dois era como um diamante que foi quebrado após finalmente ser lapidado. Liana não aceitou o desfecho. Tentava ser resiliente, mas a morte de César a deixou dura, revoltada, indiferente às necessidades dos outros. Olhava só para si. Sentia autopiedade. Pensava que a sua dor era maior do que a dos outros. Ridicularizava e desdenhava os problemas solucionáveis dos outros. Liana esqueceu-se de que um dia também se abalou muito por seus problemas solucionáveis. Não cabia a si julgar a gravidade das adversidades dos outros, mas compreender e, na medida do possível, se solidarizar, ajudar. Mas, não via mais lugar para si no mundo. Não havia ninguém com quem desejasse estar tanto quanto César. Sentia que não pertencia a lugar nenhum e perdeu o sentimento de querer pertencer a algo ou a alguém. Esfriou perante o mundo.

Passou dois anos vendo a vida passar pelas telas de seu notebook e do celular. Não se desconectou do mundo, mas ter que se comunicar somente virtualmente foi bastante cômodo.

Durante esse tempo de confinamento, Liana não percebeu, mas desperdiçou seu tempo. A vida é curta. Um dia a mais é na verdade um a menos. E o que fazemos desse tempo é crucial. Não viver cada novo dia é ser ingrato à dádiva de viver, é perder a chance de perdoar, perdoar-se e ser perdoado, é perder a oportunidade de crescer, ajudar, fazer a diferença, levar alento ou alimento para quem precisa.

Liana havia colocado a sua vida em suspensão. Mas, agora, após vivenciar experiências extraordinárias, caiu em si. Conscientizou-se de que precisava se reconectar com as pessoas novamente.

Observando o mundo em movimento ao seu redor, recobrou o seu entusiasmo pela vida. Estacionou o seu carro e quis andar a pé pelas ruas da cidade.

Passou novamente por seu Januário, que dessa vez a cumprimentou. Tudo parecia normal novamente.

- Liana.

- Inaê!

- Não, minha querida! Janaína.

- Que diferença faz, afinal? Inaê, Janaína, Iemanjá, é tudo nome do mesmo orixá.

Janaína olhou com reprovação para Liana.

- Estou brincando. É que estou contente e mais tranquila. Desculpe!

- Bem-vinda de volta, menina!

Liana ficou séria e enxergou Inaê nos olhos de Janaína. Percebeu que se tratava da mesma pessoa.

- Eu é que estou brincando, minha filha. Realmente, recebi o nome da Grande Mãe, mas sou só uma vêia que enxerga mais que os outros, que vê e ouve coisas que a maioria não vê nem escuta.

- Dona Janaína, em que ano estamos?

- 2021.

- Sério?! Que alívio!

- Mas, o que você viu não foi um sonho ruim. Você viu o futuro, filha.

Liana empalideceu.

- Agora que você sabe os males que uma vida artificial pode trazer para a humanidade, é hora de começar a trabalhar para evitar o pior.

- Mas, como posso evitar o que está para acontecer?

- Ora, filha, o futuro ainda não existe. Logo, tudo que você viu é uma projeção do que pode acontecer se nada for feito agora. A tempestade se aproxima, é hora de virar o leme do navio para mares mais calmos e seguros. Converse com as pessoas, conscientize-as, convide-as para sair, confraternizar, conversar, faça com que, aos poucos, resgatem o prazer de conviver, de se tocarem, de se sensibilizarem com aqueles que mais precisam.

- Está bem, dona Janaína. A senhora é viva? Digo, de carne e osso?

- Dona, não. Janaína, só Janaína. Sim. Sou de carne e osso como você. Lá no Astral, você me viu desdobrada. Conversou com o meu espírito. Eu trabalho auxiliando as pessoas aqui e lá.

- E quanto à Cesar e Inácio?

- Você esteve com eles.

- Vou vê-los de novo?

- Claro que sim. Mas, não agora. Tudo no seu tempo.

Liana amava o centro da cidade e encontrou Janaína ali. Ao seguiu pelas ruas da região, mais uma vez, assustou-se. Estava mesmo diante da Cidade Fantasma. O cenário não era tão terrível quanto viu em 2025, mas era assombroso. Explorando as principais vias do Centro Histórico, sentiu uma imensa tristeza. O retrato do abandono. Lojas fechadas, casarões antigos decadentes e deteriorados pelo tempo. Calçadas vazias. Lembrou-se de quando trombava com as pessoas, trocando passos nas principais vias do centro. O centro morreu. A Cidade morreu. Vivas estavam apenas as memórias, as lembranças de um tempo áureo, dourado, de pujança e riqueza. Aquilo sim era normalidade. A vida acontecia diante do palácio da prefeitura cuja praça em frente era ponto de encontro de tanta gente.

Quantas histórias aconteceram na praça principal. Quantos encontros e desencontros, atos políticos, protestos, manifestações e celebrações, shows de música. Tudo agora era passado. A praça não era mais o ponto de encontro, o coração da Cidade.

O palácio do poder parecia apático, sem vida, sem o encanto de sempre, ninguém descia pela suntuosa escadaria.

O entorno da praça era só uma coleção de portões fechados. As lojas que resistiram à pandemia estavam à míngua.

Vendedores desesperados chamavam potenciais consumidores nas ruas tal qual sempre fizeram as prostitutas nas “portinhas” do baixo meretrício. Lutavam para manter seus empregos, como que se equilibrando em pontes deterioradas prestes a se romperem. A cada dia que saíam para trabalhar, levavam consigo a ansiedade e o temor de ser o último. Temiam perder o ganho necessário ao sustento da família. O desemprego fazia vítimas tanto quanto o vírus mortal se alastrava pelo mundo. Eram tempos difíceis e sem precedentes para a geração atual.

As vendas pela internet ganharam vulto e prosperavam, o que já era uma ameaça feroz de tempos anteriores à Covid-19. Em tempos de isolamento social, a ameaça se tornou imbatível. Os preços mais baixos e o conforto de comprar sem sair de casa são apelos irresistíveis a qualquer consumidor, que, com isso, pode evitar, inclusive, o desconforto de ter um vendedor lhe empurrando produtos que não deseja.

O comércio online é um caminho sem volta para o infortúnio dos vendedores de lojas físicas, que vão precisar se reinventar e encontrar uma nova forma de subsistência, uma nova ocupação muito em breve.

Se a cidade estava vazia para o desespero do comércio, qual seria a sorte das meretrizes agora? Pois o porto também não era mais o mesmo. E as moças temiam um inimigo invisível mais forte e mais poderoso que o HIV, o coronavírus.

Como se proteger de um vírus de transmissão oral, no beijo, no toque? O coronavírus caiu como um pesadelo sobre as mulheres que se prostituíam.

O presente era um pesadelo real do qual muitos não resistiram. Muitos morreram acometidos de Covid-19, outros faliram.

Liana lembrou-se de Jéssica, uma garota de programa que havia entrevistado uma vez. Queria saber como ela estava vivendo nestes tempos difíceis. Foi, então, ao seu encontro. Ao chegar à casa de Jéssica, ficou chocada.

Ao tocar a campainha, uma mulher vestindo um uniforme branco abriu a porta.

- Entre, Liana. Estou aqui no quarto.

Liana entrou receosa.

- Entre, moça. Não se preocupe. Só não tire a máscara. Maria pegou Covid e está muito debilitada.

Liana ficou surpresa com a revelação e a forma natural com que a mulher disse aquilo, mas continuou indo na direção do quarto de Jéssica. Maria era o seu nome verdadeiro. Jéssica era o seu “nome de guerra”. Liana nunca teve medo de pegar Covid. Pois nunca foi contaminada, embora tenha se exposto ao vírus causador da doença diversas vezes ao longo dos últimos dois anos. No entanto, Liana não se deixou intimidar pelo inimigo mortal e invisível. As pessoas mereciam a sua atenção muito mais do que o seu medo de morrer.

- Li, há quanto tempo! Como você está? Que bom ver você!

Liana ficou impressionada com a aparência de Jéssica. No lugar de uma loira linda e exuberante, havia uma mulher envelhecida, pálida, fraca e muito magra. Combalida demais. Liana desconfiou que não era só a covid que havia debilitado tanto Jéssica. Um mal maior consumia suas forças. E ela estava certa.

- Estou bem. E você, Jéssica?

- Estou morrendo.

- O que você tem? Não é só a Covid, né?

- Não. Eu tenho um câncer no sangue, um câncer linfático. A minha imunidade já era comprometida pelo HIV. Então, peguei Covid e quando fiz os exames descobri o câncer linfático. Mas, eu me recuso a ficar internada. Quero morrer na minha casa.

- Mas, Jéssica, no hospital é que estão todos os recursos para você se recuperar.

- Recuperar de quê, Liana? Eu não tenho cura. Estou condenada. E eu estou cansada da vida. Já vivi bastante. A vida pesa sobre as minhas costas. Aproveitei muito, vivi muito, amei muito. Levei a vida que eu escolhi e agora estou colhendo os frutos. É isso. Meu corpo já está cansado.

- Mas, você é tão jovem ainda. Tem só 40 anos.

- Já estou velha. Ainda mais na minha profissão. Já faz um tempo que vinha faturando bem menos nos programas. Não sou mais ninfeta, “novinha”, como se diz agora. Fiquei velha pro riscado. E, também, já cansei mesmo. O que é morrer? Viver em outra dimensão? A morte não existe.

Liana refletia enquanto ouvia Jéssica. Surpreendeu-se com a resiliência e aceitação, conformada com a morte iminente, mas convencida de que a vida continua. Jéssica permitiu a sua entrada, pois já estava fora de risco de contágio. Estava convalescendo das sequelas deixadas pela Covid. Devido ao seu estado de saúde agravado pelo câncer, não tinha forças para se levantar da cama. Contratou, então, Joana, uma cuidadora que a ajudava a tomar banho, comer e tomar os remédios na hora certa.

- Jéssica, você precisa de algo? Posso te ajudar de alguma forma? – Perguntou Li enquanto segurava a mão de Jéssica.

- Li, você viu a velhinha que estava sentada ali? Viu aonde ela foi?

- Velhinha? Quem, a Joana?

- Não, a Joana. A velhinha. Tinha uma velhinha ali, sentada naquela cadeira. Quem era ela?

Liana surpreendeu-se novamente e, com cuidado, apertou ainda mais a mão de Jéssica. Ela estava partindo deste mundo. Era uma questão de poucos dias. Liana acreditava que pessoas em estado terminal podiam ver o mundo espiritual, ver espíritos amigos à espera do desencarne, que auxiliavam na passagem para o plano espiritual. Liana orou e despediu-se de Jéssica. Do lado de fora do apartamento, chorou copiosamente, mas acreditava que seria o melhor para ela, pois estava sofrendo demais.

Voltou à praça principal e estava convicta em iniciar o seu trabalho de conscientização das pessoas e resgate da Cidade Fantasma.

FIM.